

NOTA EDITORIAL:

Em seu terceiro ano e quinto número, a *Verinotio – Revista on-line de Educação e Ciências Humanas* traz a lume textos inéditos que dizem respeito à filosofia, à estética, à ciência política e à educação e primam pelo rigor e pelo convite ao debate – sem cair no “pluralismo” tão em voga, muito menos no jogo das “interpretações” ou “contribuições” descomprometidas. Avança em seu projeto de aumento do número de leitores e de colaboradores, sem perder o nexo que a perpassa: o resgate do humanismo, reiterada afirmação da possibilidade de conhecimento do real, retomada do pensamento de Marx como norteador de reflexões que podem dar conta da complexidade do mundo atual.

De fato, este número da *Verinotio* emerge num momento peculiar do contexto global. O mundo, tendo passado por um período de calma em termos econômicos, enfrenta sinais negativos neste setor, bem como situações dramáticas respeitantes às relações entre os diversos países e civilizações. O xerife americano manifesta reiteradamente seu desprezo pelas mais elementares regras da democracia burguesa – as quais, diga-se de passagem, existem mesmo para ser rompidas, como Marx já demonstrara em sua época e os exemplos explicitam.

Na esfera nacional, trata-se de um momento particularmente difícil. Parte do País assiste embasbacado e surpreso ao (des)governo de Luís Inácio da Silva, de quem esperava outras atitudes no âmbito econômico, político e procedimental. Um crescimento absolutamente insignificante num período de crescimento econômico mundial, uma série de políticas meramente assistencialistas, projetos confusos em política externa, o apelo à demagogia provocaram decepção em diversos setores. Projetos para o Brasil, o que seria mais importante, não apareceram nesta

campanha fraca, se é que os havia. Diante da faceta absolutamente diretista de Alckmin, do atraso, da religiosidade enraizada e do resvalo no moralismo de Heloísa Helena, da candidatura de projeto único de Cristovam Buarque – há tempos não se ouviam tantos reclamos em relação à falta de alternativas eleitorais, mesmo dentre os mais cientes dos limites que a política encerra, mas que não fogem à participação política. Todos levaram ao pé da letra – e de forma bastante rastaqüera – a norma segundo a qual a política é questão de vontade e os grandes problemas do País se referem ao fato de que é o outro partido, e não o próprio, que está no poder.

Desta maneira, mesmo considerados os limites estreitos da esfera política, foi uma campanha de extremo baixo nível. Falta, entretanto, discutir o que nos levou a chegar ao ponto a que chegamos. Compreender o que se passou no Brasil nos últimos tempos é de fundamental importância para não se perder no entrelaçado das confusões eleitorais, das auto-ilusões coniventes, do desespero puro e simples.

Contracorrente, a *Verinotio – Revista on-line de Educação e Ciências Humanas* oferece seu modesto espaço nos próximos números às vozes que desejam refletir acuradamente sobre estes aspectos da realidade nacional e mundial. Mais que isto, pressupondo que *ser revolucionário hoje é principalmente manter a lucidez*, como dizia o filósofo J. Chasin, convida os leitores a pensar, debater e publicizar reflexões sobre a realidade nacional e internacional e seus (des)caminhos – tarefa que vai muito além de suas forças, não há dúvidas, mas à qual contribui com o pequeno espaço que lhe cabe num debate que tem sido, quase exclusivamente, de surdos.

Os textos presentes neste número são os abaixo relacionados.

Antônio José Alves apresenta-nos um ensaio sobre a natureza da paixão. Discutindo os problemas que dizem respeito à afetividade alienada neste mundo governado pelo capital, recorre aos gregos, a Marx e a Thomas Mann para falar

do “radical carecimento individual pelo outro” como algo que caracteriza a natureza humana, finita e incompleta.

Em “Rei Lear e a Individuação Renascentista”, Danilo Amorim nos oferece uma reflexão sobre o processo de individuação humana, tal como expressado na obra do teatrólogo inglês. Salienta as diversas alterações pelas quais passou o mundo ocidental durante o período do Renascimento, salientando que vão muito além do plano cultural e científico para ser propriamente o alvorecer do capitalismo.

Maria de Anunciação Madureira debruça-se sobre os textos de um largo período da vida de Nelson Werneck Sodré e deslinda as bases de sua concepção historiográfica, com destaque para sua noção de “modo de produção”, para o evolucionismo e para as influências que sofreu de correntes teóricas diferentes do marxismo. Situa, ainda, o autor no debate realizado em meados do século passado sobre a assim chamada *revolução brasileira*.

Ronaldo Garcia faz uma discussão preliminar sobre as bases teóricas das correntes em voga no campo da historiografia, em especial da Nova História, com destaque para sua relação com a educação. Fala de suas origens, no combate ao positivismo factualista, o que a levou a cair no extremo oposto, de desconsiderar as questões políticas, e esclarece como sua visão de ciência redundava numa concepção de história como “narrativa”.

Tomando como base as noções de violência, política e trabalho presentes no pensamento de Hannah Arendt, Ronaldo Gaspar mostra, em uma análise interna do pensamento da filósofa, quais são suas articulações e conseqüências. Em seguida, ressalta como sua visão dos mesmos temas presentes em Marx deixou de apreender questões fundamentais ao pensador alemão, por responsabilidade exclusiva de sua maneira de “interpretá-lo”. Repõe o ideário marxiano em seus próprios termos – como faz também com o texto da própria Arendt – e sublinha seus verdadeiros significados, demonstrando os limites da política para Marx e sua visão da violência revolucionária.

A Verinotio avalia que, por sua qualidade, os textos mencionados se destacam em relação ao rol das produções acadêmicas, por exemplo, nas quais vigora um acordo que privilegia o baixo nível teórico dos trabalhos e da argüição. Bem assim, distanciam-se das produções político-partidárias, os quais estão quase sempre voltados à simples justificação dos atos promovidos por dirigentes e/ou ao achincalhamento pouco embasado das concepções diferentes.

Desde já, a Revista abre espaço para a análise de textos que objetivem realizar o debate com os aqui publicados e reitera o convite à participação dos leitores não só com textos, mas também com comentários, que podem ser publicados a partir do próximo número.

Boa leitura!

Leonardo Gomes de Deus e Vânia Noeli Ferreira de Assunção.